

ANJOS AO REDOR

Barb Irwin

Em uma manhã de setembro de 1960, quando acordei, deparei-me com uma dura realidade: seis crianças famintas e apenas alguns centavos em minha bolsa. O pai delas nos abandonara.

A idade dos meninos variava de três meses a sete anos, e a menina tinha apenas dois anos. O pai, no entanto, nunca fora mais do que uma presença que as crianças temiam. Toda vez que elas escutavam o ringir dos pneus no cascalho da entrada de casa, arrastavam-se para debaixo da cama para se esconder dele. Ele, todas as semanas, sempre dava um jeito de deixar algum dinheiro, o suficiente para comprar os alimentos. Agora, depois que decidiu nos abandonar, não haveria mais surras nem comida. Naquela época, se existia no Estado de Indiana algum organismo responsável por benefícios sociais, eu ignorava essa existência, com certeza.

Esfreguei as crianças até que ficassem bem limpinhas e vesti o melhor vestido que tinha feito em casa como todos os outros. Coloquei as crianças no carro, um Chevy 51 todo enferrujado, e saí à procura de trabalho. Nós sete fomos a todas as fábricas, lojas e restaurantes de nossa pequena cidade. Nada! As crianças, amontoadas no carro, procuravam manter-se quietas, enquanto eu tentava convencer a todos que me davam atenção de que estava disposta a aprender ou a fazer qualquer coisa. Eu preci-sava de um trabalho. Mas, nada!

O último local que visitamos, a apenas alguns quilômetros de nossa cidade, era um antigo drive-in que fora transformado em parada de caminhão. Uma senhora idosa, Granny, dona desse estabelecimento, a Grande Roda, a todo momento espiava as crianças através da janela. Ela precisava de alguém para o turno da noite, das 11 da noite às 7 da manhã. Ela pagava 65 centavos por hora, e eu poderia começar a trabalhar naquela mesma noite.

Fui para casa o mais rápido que pude e chamei uma adolescente que trabalhava de baby-sitter. Nosso acordo seria que ela viria dormir no meu sofá e receberia um dólar por noite. Ela poderia até vir de pijama, pois, quando chegasse, as crianças já estariam dormindo. Isso era bom para ela, e para mim também, portanto fechamos negócio.

Naquela noite, eu e as crianças, quando nos ajoelhamos para fazer nossa oração, agradecemos a Deus por ter encontrado um emprego para a mãe.

Assim, comecei a trabalhar na Grande Roda. Quando cheguei em casa pela manhã, acordei a baby-sitter e a dispensei após lhe pagar um dólar, retirado do dinheiro que ganhara de gorjetas - metade do que tirava em média toda a noite.

À medida que as semanas iam passando, as contas referentes ao aquecimento abalaram minhas pobres finanças, já que minha renda era diminuta. Os pneus do velho Chevy tinham a consistência de bexigas velhas e não eram capazes de reter o ar, portanto eu precisava enchê-los duas vezes por dia para ir ao trabalho e para voltar para casa.

Em uma manhã fria de outono, já bem cansada, eu me arrastava para o carro para finalmente voltar para casa, quando achei quatro pneus no banco de trás. Pneus novos! Não encontrei nada além dos pneus novinhos em folha, nenhum bilhete ou coisa semelhante. Perguntei-me: "Será que os anjos resolveram morar em Indiana?".

Fiz um acordo com o dono do posto de gasolina mais próximo do local. Ele colocaria os pneus novos, e eu limparia o escritório dele. Lembro-me que demorei muito mais tempo para esfregar o chão do que ele precisou para trocar os pneus.

Passei a trabalhar seis noites em vez de cinco, mas ainda não era o suficiente. O Natal estava chegando e eu sabia que não teria dinheiro para comprar presentes para as crianças. Achei uma lata de tinta vermelha e comecei a consertar e a pintar brinquedos velhos. Escondi-os no porão para que Papai Noel pudesse entre-gar alguns presentes para as crianças no dia de Natal.

As roupas das crianças eram também uma fonte de preocupação. Fazia remendo em cima de remendo nas calças dos meninos até que se tornou impossível consertá-las.

Na véspera de Natal, os clientes habituais estavam tomando café na Grande Roda. Esses clientes eram os caminhoneiros Les, Frank e Jim, assim como um homem da cavalaria da polícia estadual, Joe. Alguns músicos, depois de uma apresentação em uma associação para militares reformados em que tocaram músicas populares modernas, estavam também ali. Os fregueses de sempre permaneciam sentados, batendo papo madrugada afora, e só foram embora para casa um pouco antes do dia amanhecer. Às sete horas daquela manhã de Natal, a hora de eu ir para casa, corri para o carro. Queria chegar em casa antes de as crianças acordarem para ter tempo de colocar os presentes, que estavam no porão, debaixo da árvore. (Havíamos cortado um pequeno cedro que crescia à beira da estrada, próximo ao depósito de lixo.) Ainda estava escuro e eu não conseguia enxergar direito, mas parecia que tinha algo no carro - ou será que era só impressão, uma peça que a noite escura estava me pregando? No entanto, embora fosse impossível precisar o que, parecia haver algo realmente diferente. Quando cheguei onde o carro estava estacionado, cautelosamente, dei uma olhada por uma das janelas. A seguir, meu queixo caiu! Estava pasma! Meu velho Chevy estava cheio, até o teto, de caixas de todos os tamanhos e formas.

A toda pressa, abri a porta do carro, subi no banco do moto-rista e ajoelhei para ver o banco de trás. Estiquei o braço, peguei a caixa que estava por cima de todas as outras e abri a tampa. Ela estava cheia de jeans, nos tamanhos 2 a 10! Olhei o conteúdo da outra caixa: cheia de camisetas que combinavam com os jeans. E fui abrindo uma e depois outra e mais outra. Ali tinha de tudo: doces, nozes, bananas, um enorme pernil para a ceia, vegetais em lata, batatas, pudim, gelatina, biscoitos, recheio de tortas, farinha e até uma sacola com artigos de limpeza, inclusive sabão em pó.

Não poderia deixar de mencionar os brinquedos, seis caminhões de brinquedo e uma boneca. Enquanto dirigia meu carro pelas ruas desertas, soluçando de gratidão, observei o nascer do sol da manhã de Natal mais

maravilhosa de minha vida. Jamais esquecerei a alegria estampada na face de meus pequenos naquela preciosa manhã.

É, realmente havia anjos em Indiana naquele dezembro, e eles todos ficavam por ali, naquela parada de caminhões.